

PERSONAGENS

Um homem velho aparentando 60 a 70 anos - Campônio

Um rapaz, filho de gente rica, estudante universitário - Estudante

Estudante :

Ora viva o tio Anatácio. Passou bem?

O campônio:

Eu bem. E o meu rico menino!... Antão cá o temos a passar uma temporada com o seu rico papá e com a sua rica mamãe.

Estudante :

Venho enfim descansar dos meus trabalhos.

O campônio:

Faço ideia. O menino há-de vir muito cansado do trabalho! Se tivesse as mãos calejadas como eu tenho da rabiça do arado, não dizia que não.

Estudante :

Está enganado tio Anatácio. Eu também trabalho!

Campônio

Faço ideia... Faço ideia... Inda que mal pergunte: Que trabalho faz o menino lá nas Coimbras?

Estudante :

Cuido da minha cultura.

O campônio:

Ora essa!... Antão o menino cá também cultiva?

Estudante :

Cultivar não!... Isto é... Cultivo o espírito.

O campônio:

O espírito... Não conheço, se calhar é alguma roseira ou coisa que o valha.

Estudante :

Cultivar o espírito, é enriquecê-lo com o fruto de vários ramos da ciência e da instrução.

O campónio:

Que diabo de frutos são eses!... O espírito!... Não conheço.

Estudante :

Não admira. O sr. não tem cultura nenhuma.

O campónio:

Não tenho cultura nenhuma? Essa é boa!... Ah... Ah... Ah... Tenho mais cultura do que nunca o menino há-de ter com as suas mãos de sr.. vá ver a quinta que eu cultivo lá do seu papá, se quer ver cultura. E olhe que aquela cultura é toda minha e com o se perdão, dos bois.

Estudante :

Mas a minha cultura é outra.

O campónio:

Inda que mal pergunte: que frutos é que o menino cultiva?

Estudante :

São frutos muito lindos; mas para mim têm sido bem amargos e duros de roer.

O campónio:

São frutos só para a vista. Deixe lá essa cultura que não dá-de comer a ninguém. Quer o menino aceitar um conselho deste seu criado, que já tem o pelo ruço?

Estudante :

Diga lá tio Anastácio.

O campónio:

Antão oiça: (toce e assoa-se com estrondo ao lenço tabaqueiro) - Quando eu fui pagar a renda ao sr. seu papá, e meu patrão, pedi-lhe para me tirar alguma coisinha, porque as colheitas p'ra cá escassaram um migalho Vai daí o seu papá lá me tirou o que pôde. E todos os anos mo tem tirado...

Lá isso é verdade, esses favores lhe devo.

E que não me podia tirar mais, enfim que tinha muita pena, porque o filho andava nas Coimbras (falava por si sr.) que lhe gastava lá todas as economias.

Ora se o menino anda a gastar todas as economias do seu rico papá na cultura do tal espírito e doutros ramos que só dão frutos amargos...

Venha p'ra aqui cultivar batatas!

Estudante :

O quê? Batatas?

O campónio:

Sim menino, batatas. O pouco que dão sempre rendem alguma coisinha.

Estudante :

Bem, Bem ... Adeus tio Anastácio. Vá cá tratando da sua cultura que eu por lá continuarei a cuidar da minha (sai a falar).

O campónio:

Ó menino, oiça cá ... Oiça cá!... Já agora não se vá embora sem lhe dar os parabéns.

Estudante :

Parabéns! ... De quê?

O campónio:

Ouvi dizer que o menino tinha agarrado uma raposa nas Coimbras.

Estudante :

São coisas que acontecem...

O campónio:

Ora deixe lá, que ainda não é qualquer um que agarra assim uma raposa.

Estudante :

É uma questão de sorte.

O campónio:

Lá que é uma questão de sorte diz o menino muito bem. Olhe que um sobrinho do meu irmão de meu cunhado também agarrou uma aqui há meia dúzia de anos, e dantão para cá tem passado todos os anos sem agarrar mais nenhuma.

Estudante :

E tem passado todos os anos?! Nem todos têm essa sorte...

O campónio:

E olhe que o rapaz não dorme a manhã na cama; trabalha como aqueles que trabalham.

Estudante :

Também eu trabalhei bastante este fim de ano e nada adientei.

O campónio:

Ande lá que o menino não tem grande razão de queixa, agarrar uma raposa!

Olhe que não é qualquer um que faz.

Estudante :

Ó tio Anastácio. Você está a brincar comigo?

O campônio:

Ó menino, Ora essa?... Havia de estar a rir de si, eu que tenho tanta consideração pelo menino e pela sua rica família.

Estudante :

(Rindo) - Ah!... Ah!... Ah!... Então o seu sobrinho não agarrou a raposa no exme?

O campônio:

Mas quem disse ao menino que ele a agarrou no exame? Ele agarrou-a foi com dois tiros de espingarda destas de carregar por trás.

Estudante :

O sr. é tão rude que não sabe o que é um exame?

O campônio:

Ah!... A!... Então não havia de saber o que é um exame? Olhe que este ano agarrei dois e deixei fugir um por não ter um cortiço.

Estudante :

Bem... Bem... Adeus tio Anastácio.

O campônio:

Adeus meu rico menino. E faça lá vesitas ao seu rico Papai e à sua rica Mamãe (o estudante sai). Ó menino? Oiça lá... Oiça lá...

Estudante :

(De fora) - Diga lá sr. Anastácio.

O campônio:

Se por aí sair à caça, dê por lá uns passeios pela quinta que eu cultivo lá do seu Papai e veja se pode matar uma refinada que já me foi três vezes ao galinheiro.

Estudante :

Uma raposa?...

O campônio:

Sim, uma raposa, menino. Se a apanhar pode gabar-se que ganha duas no ano...

pausa

O rapaz vai vermelho como um pimento, parece que leva o diabo à perna.

Não era eu que andava aqui a cuspir nas mãos e a fazer assim (limpa o suor) para mandar o meu dinheiro a estes magarefes para andarem lá entretidos na caça da raposa e na cultura da roseira. Se fosse mê filho quem te dava o espirito era eu, mas era com uma enxada de três quilos a cavar ali ao pé de tê pai.

FIM

.